

Ritualização das práticas e do cotidiano escolar no primeiro jardim de Infância Público de São Paulo

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar o processo de ritualização das atividades e práticas vivenciadas no primeiro jardim da Infância Público de São Paulo no período de 1896 a 1912. Podemos compreender este processo de ritualização em duas vertentes que se distinguem em ritos, correspondentes à ação que se desenvolve diariamente na vida dos seres humanos, constituindo verdadeiro ordenador descritivo da experiência de sentido conatural ao homem e assemelham-se aos jogos por estabelecerem regras com múltiplas simbologias presentes no espaço cujo significativo está para os sujeitos que interagem dentro de uma determinada realidade como o espaço escolar. O ritual, por sua vez, são práticas e ações vivenciadas e compreendidas a partir de sua localização, tanto em suas dimensões espaciais quanto temporais, traduzindo-se em expressões simbólicas da vida social. Percebe-se que um ritual é um conjunto de gestos, palavras, formalidades e manifesta-se principalmente nas religiões, nas tradições familiares ou na comunidade e está intimamente ligado ao conceito de rito. Mas o ritual acontece em comunhão entre sujeitos, tempo e espaço. O aspecto mais importante do ritual são as práticas sociais que dão sentido a todas as manifestações e tradições. Nesse sentido, os espaços ritualísticos não estão limitados apenas à religião ou ao misticismo, mas como um espaço que obedece a regras, apresenta padrões e procedimentos típicos. Sua manifestação pode ocorrer em um único indivíduo, um grupo, ou por uma comunidade inteira; como em locais arbitrários, específicos, diante de pessoas ou privativamente, onde os espaços ritualísticos podem se reinventar constantemente. Desta forma, os rituais na escola apresentavam-se na rotinização das atividades e eram vivenciados diariamente na organização das atividades em sequências fixas, repetidas e regulares, instituídas para alunos e professores. As atitudes formais auxiliavam na construção da pertinência a um grupo social, organizado a partir de regras específicas. Faziam parte desses momentos rituais: a entrada (com canto e saudações); o repouso; o recreio; os pensamentos; os méritos; os cantos de despedida e a saída. Para que possamos compreender como o processo de ritualização das práticas e do cotidiano escolar, na escolarização da infância, em São Paulo, no período de 1896 a 1912, foram se constituindo, foi realizada uma análise teórica e histórica a partir de relatórios de instrução pública, de materiais obtidos no acervo da Escola Caetano de Campos, nas revistas pedagógicas, nos relatórios de professores sobre os alunos e sobre o funcionamento da escola, os diários de classe e os brinquedos, que nortearam os nossos estudos acerca da educação dos sentidos no fim do século XIX e início do século XX, com base em Carvalho (1989), Geertz (1978), Kulhman Junior (2011), Pavan (1996) e Terrin (2004). A partir desta recriação, este trabalho nos possibilita compreender como os ritos e os rituais fizeram-se presentes na composição de uma escola que nascera não de um sonho, mas de um ideário de formação, tanto para professores quanto para alunos.

Palavras-chave: Ensino Infantil. Práticas Escolares. Cotidiano Escolar. Ritos e Rituais.

Aline Martins de Almeida
Universidade de Coimbra –
Portugal
alinepucsp@gmail.com

Para citar este artigo:

DE ALMEIDA, Aline Martins. Ritualização das práticas e do cotidiano escolar no primeiro jardim de Infância Público de São Paulo. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 18, n. 38, p. 41-62, set./dez. 2017.

DOI: [10.5965/1984723818382017041](https://doi.org/10.5965/1984723818382017041)

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723818382017041>

Ritualization of practices and daily school life in the first public kindergarten class of São Paulo

Abstract

This present work is aimed at presenting the ritualization process of the experienced activities and practices in the first Public kindergarten class of São Paulo, Brazil, from 1896 to 1912. We can understand this ritualization process in two strands that are distinguished in rites - corresponding to the daily developed action in the lives of human beings, constituting a real descriptive organizer of the experience of co-natural sense to men and they come close to games for establishing rules with multiple symbologies - present in the space whose meaning is for the subjects that interact within a certain reality such as the school space. The ritual, per se, is practices and actions experienced and understood regarding the location, both in its spatial and also temporal dimensions, translating itself as symbolic expressions of social life. It is perceived that a ritual is a set of gestures, words and formalities that mainly manifest in religions, family traditions or in community and they are closely linked to the concept of rites. But ritual happens in communion between subjects, time and space. The most important aspect of ritual is social practices that give meaning to all manifestations and traditions. In this sense, ritual spaces are not limited to only religion or mysticism, but as a rule-based space that presents typical patterns and procedures. Its manifestation can occur in a single individual, a group, or an entire community, as well as in arbitrary, specific places, among people or privately - where ritual spaces can constantly suffer reinvention. This way, school rituals are seen in routinized activities and are experienced daily in the organization of activities in fixed, repeated and regular sequences established for students and teachers. Formal attitudes helped build relevance to a social group, organized from specific rules. The school entrance (with singing and greetings), the rest, the recreation, the thoughts, the merits, the farewell songs and the leaving were all part of these ritual moments. In order to understand how the process of ritualizing practices and daily school life in the early child schooling in São Paulo - from 1896 to 1912 - was built, a theoretical and historical analysis was carried out from reports of public instruction, materials obtained in the collection of the Caetano de Campos School, in the pedagogical journals, in the teachers' reports on the students and on the functioning of the school, the class diaries and the toys guiding our studies about sense education in the late nineteenth century and beginning of the 20th century based on Carvalho (1989), Geertz (1987), Kuhlman Junior (2011), Pavan (1996) and Terrin (2004). From this re-creation, this work enables us to understand how rites and rituals were present in the composition of a school that was born not from a dream, but from an ideology of formation, for teachers as well as for students

Keywords: Child Education. School Practices. School Daily Life. Rites and Rituals.

Introdução

A educação infantil pública em São Paulo surgiu no período de 1896, momento em que os republicanos vislumbravam na escola pública a consolidação do novo regime que buscava na educação a possibilidade de controle, modernização e regeneração social da sociedade.

Neste âmbito, o papel da educação foi hiperdimensionado: tratava-se de dar forma ao país amorfo, de transformar os habitantes em povo, de vitalizar o organismo nacional, de constituir a nação. Nele se forjava o projeto político autoritário: educar era obra de moldagem de um povo, matéria informe e plasmável, conforme os anseios de Ordem e Progresso de um grupo que se auto investia como elite com autoridade para promovê-los. (CARVALHO, 1989, p. 9)

Segundo os reformadores republicanos, para solucionar o “caos” advindo do Império, a escola passou a ser um mecanismo de inovação da República e para a República tendo uma finalidade cívica, moral e instrumental, e acima de tudo moderna, com novas técnicas científicas e racionais, com novos aparelhamentos de ensino tendo como intuito romper com o modelo arcaico em busca do moderno.

Mas, para legitimar esta nova ordem e romper com os preceitos do Império, era preciso estruturar a política, a economia e a sociedade de forma concreta e material. Mais do que isso, era preciso construir estruturas imaginárias, culturais e simbólicas que, sob o prisma do liberalismo e do pensamento científico, positivista e romântico do período, institucionalizariam novos símbolos, signos, imagens e rituais. A educação pública viabilizaria todo esse projeto republicano: a unidade do povo brasileiro.

A proclamação da República, em 1889, significou a possibilidade de concretização de um novo projeto político que tinha como emblema central o progresso, a civilização e a modernização. Preocupados, principalmente com a construção da identidade do povo brasileiro, com o desenvolvimento econômico e social do Brasil e com a construção de um regime liberal e democrático, coube aos republicanos promoverem transformações sociais com o objetivo de alcançar tais ideais. Nesse contexto, a escola transformou-se num espaço privilegiado para a efetivação desse projeto, evidenciando a importância que assume a

instrução pública na superação de um “passado de trevas, obscurantismo e opressão.” (CARVALHO, 1989, p. 23)

Os republicanos paulistas aspiraram na educação o combate de todos os males e a viam como mola propulsora da ordem e do progresso, da democratização e universalização do conhecimento e edificação da cultura.

Considerando-se que o Estado de São Paulo detinha o poder hegemônico economicamente devido à riqueza na sua produção e exportação de café, com a República também alcançou a hegemonia política, industrial e urbana em relação aos demais Estados brasileiros, dando largada às reformas educacionais, subentendendo a escola como redentora da humanidade.

Segundo Carvalho (1989, p. 23):

Proclamada a República, a escola foi, no Estado de São Paulo, o emblema da instauração da nova ordem, o sinal da diferença que se pretendia instituir entre um passado de trevas, obscurantismo e opressão, e um futuro luminoso em que o saber e a cidadania se entrelaçariam trazendo o Progresso. Como signo da instauração da nova ordem, a escola devia fazer ver. Daí a importância das cerimônias inaugurais dos edifícios escolares. O rito inaugural repunha o gesto instaurador.

Para que isso fosse concretizado, a República ficou marcada pela introdução e ampliação dos estudos científicos tomando por base, o método intuitivo e, um deles, refere-se à obra de Calkins sobre *Lições de Coisas*. Caetano de Campos, um dos entusiastas deste método, adota-o como princípio nas escolas-modelo e anexas.

Os processos intuitivos, que estariam em constante aperfeiçoamento na Alemanha, na Suíça e nos Estados Unidos, eram base do ensino moderno. Seu mérito, “a cultura intensiva do espírito, o aproveitamento de todos os detalhes, cada coisa em cada hora, o alimento intelectual, o mais completo, dado na proporção da receptividade psicológica” devia ser disciplina do espírito pela seleção e dosagem adequada dos “fatos que devem ser explicados” à psicologia infantil, o ensino intuitivo repetia “o processo que instruiu a humanidade inteira em sua vida intelectual – a intuição.” Marcava-se com o signo do novo opondo-se aos processos que

havam caracterizado a educação na velha ordem. (CARVALHO, 1989, p. 28)

Com este entusiasmo e partindo da formação de um estado laico, a instrução pública e popular passou a ser utilizada como mola propulsora da ciência, também apresentada como sinônimo da disseminação do amor à Pátria e à moral.

A escola visava o atendimento às normas de controle, vigilância e higiene vigentes à época, destinada a formar pessoas encarregadas de ensinar a “norma”, de educar segundo princípios e regras definidas, de executar uma tarefa estritamente delimitada como alicerce da democracia e instrumento de ciência, cooperação, especialização, ordem, racionalidade e eficiência.

Contando com grande apoio dos republicanos, uma cultura escolar ia sendo criada: no projeto idealizado por Rangel Pestana e executado por Caetano de Campos, estava incluída a criação de um Jardim de Infância ou *Kindergarten*, destinado ao atendimento de crianças de quatro a seis anos de idade. Inspirado no modelo do *Kindergarten*, criado pelo educador alemão Friedrich W. A. Froebel (1782-1852), ele visava traduzir nos princípios educacionais republicanos a construção de uma escola baseada tanto no aparelhamento inovador de um conjunto de aspectos institucionalizados quanto na transmissão cultural de valores e normas sociais.

O primeiro Jardim da infância público anexo à escola Caetano de Campos, inaugurado em 1896 passou a assumir este novo projeto: plantar sementes da cultura intelectual, moral e física, para que estas pudessem germinar e multiplicar os gérmenes da ordem e do progresso, plantando nos corações e nas mentes a silhueta do homem novo – racional, administrado e industrioso.

Além de promover normas a inculcar e práticas a serem consolidadas, o Jardim da infância também compreendia a constituição de uma cultura escolar. Esta, segundo Viñao Frago (2001, p. 29) define um:

[...] conjunto de teorias, ideias, princípios, normas, pautas, rituais, inércias, hábitos e práticas – formas de fazer e pensar, mentalidades e comportamentos – sedimentados ao largo do tempo em forma de

tradições, regularidades e regras do jogo inquestionáveis partilhadas por seus atores no seio das instituições educativas.

Coube ao Estado Paulista reconhecer e utilizar a escola pública como espaço legítimo de “formação das almas” (CARVALHO, 1999) e de inculcação de “novas significações imaginárias e sociais” (BACZO, 1990) que buscavam na formação dos cidadãos brasileiros sentimentos nacionalistas coadunados com a nova ordem social preconizada pela instauração do governo republicano brasileiro.

Com isso, a educação dos sentidos teve uma finalidade plástica no Jardim da infância, ou seja, a teoria froebeliana foi adequada para atender as necessidades tanto do regime republicano quanto para viabilizar e implantar, por meio, de uma moderna corrente presente entre os educadores paulistas o “método analítico intuitivo que assenta na espontaneidade construtiva do próprio aluno” (ANUÁRIO DO ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1909, p. 254).

Seguindo esse percurso de formar, a partir de novos significados, o público infantil, e percorrendo o primado da visibilidade do ensino paulista, este trabalho tem por finalidade estudar os ritos e os rituais que estiveram presentes no cotidiano escolar do primeiro Jardim de Infância público anexo à escola normal de São Paulo nos finais do século XIX e início do século XX. A trajetória tem por perspectiva a abertura da caixa preta da escola. Segundo Apple, para compreender o que “as escolas fazem realmente, temos que saber muito sobre o que se passa dentro das paredes da própria instituição” (APPLE, 1997, p. 26).

Ritos e rituais

Os ritos, segundo Terrin (2004), correspondem à ação que se desenvolve diariamente na vida dos seres humanos constituindo verdadeiro ordenador descritivo da experiência de sentido conatural ao homem. É possível compreender que os ritos se assemelham aos jogos por estabelecerem regras, porém o rito é mais do que um jogo, pois suas regras têm significados múltiplos e simbólicos.

Esses significados múltiplos e simbólicos estão presentes no espaço cujo significativo está para os sujeitos que interagem dentro de uma determinada realidade, de um determinado espaço físico, como por exemplo, o espaço escolar. O rito é a ação que dá sentido à interação, estabelecendo diálogo entre os espaços e as experiências humanas.

O ritual, por sua vez, é a reunião de práticas e ações vivenciadas e compreendidas a partir de sua localização, tanto em suas dimensões espaciais quanto temporais, traduzindo-se em expressões simbólicas da vida social (VILHENA, 2005).

Percebe-se que um ritual é um conjunto de gestos, palavras, formalidades, geralmente repletas de valor simbólico, assim como, manifestam-se principalmente nas religiões, nas tradições familiares ou da comunidade, estando intimamente ligados ao conceito de ritos.

Mas o ritual acontece em comunhão entre sujeitos, tempo e espaço. O aspecto mais importante do ritual são as práticas sociais que dão sentido a todas as manifestações e tradições. As atividades que envolvem músicas, danças, festas, produções artísticas e estéticas, vestimentas, culinária, por exemplo, fazem parte de um universo cuja ordenação social, cultural e política amplia o conceito de ritual. Nesse sentido, os espaços ritualísticos não estão limitados apenas à religião ou ao misticismo, mas como um espaço que obedece a regras, apresenta padrões e procedimentos típicos. Sua manifestação pode ocorrer em um único indivíduo, um grupo, ou em uma comunidade inteira; assim como em locais arbitrários, específicos, diante de pessoas ou privativamente, onde os espaços ritualísticos podem se reinventar constantemente.

Segundo Clifford Geertz (1978, p. 1081), no Dicionário de Ciências Sociais,

O ritual seria, enfim, o processo de pôr em relação, dando sentido aos fatos da vida social, como os processos de elaboração de um texto ou de uma dramatização dão sentido às histórias que se quer contar e interpretar, podendo inverter normas e padrões sociais, reforçando-os ou neutralizando-os.

Os rituais são característicos da sociedade, independentes das culturas, passadas ou atuais. Eles podem incluir ritos, como os de cerimônias de formatura, as filas que se

formam para a entrada e saída nas salas de aula e os ritos de passagem; exemplos de atividades que ostensivamente são executadas para concretizar propósitos, como em eventos científicos, carregados de ações simbólicas prescritas por regulamentos ou tradição e, portanto, parcialmente ritualísticos. Várias ações comuns, como o aperto de mão, beijinho no rosto ou outras formas de cumprimento podem ser entendidos como pequenos rituais e representam comportamentos que simbolizam ideologias e ensinamentos, tornando-os mais complexos.

Para Benedicto Silva (1987, p. 1082),

Victor Turner dedica sua obra ao estudo do processo ritual, não mais enquanto produtor de solidariedade, mas como LOCUS da produção de alternativas ideológicas voltadas ou não para a manutenção do STATUS QUO. Turner vê no ritual a possibilidade de atualização de antiestrutura, estados potenciais e liminares da sociedade que constrói, assim, sua transformação, expondo as variantes possíveis de seu destino no que lhe chama de drama social. O conceito de estrutura social empregado continua sendo o da clássica antropologia social inglesa, referindo às relações empiricamente observáveis e, portanto, a domínio separado do das representações. Sua concepção implica também uma visão do ritual como processo de mudança de uma estrutura para outra estrutura, de um estado social para outro.

Como se observa, os ritos vêm do mesmo significado de rituais, mas são totalmente diferentes. O rito, segundo Herskovits (1948) é uma sucessão de palavras, de gestos e ações que orientam e se repetem no dia a dia dos indivíduos. Pode-se entendê-lo como um conjunto de atividades organizadas, no qual as pessoas se expressam, por meio de símbolos, linguagens e comportamentos daquilo que fazemos todos os dias, como: escovar os dentes ou ir para a escola, por exemplo. Enquanto, os rituais são um conjunto de práticas que obedecem regras, apresentam padrões e procedimentos típicos, como a cerimônia de formatura.

Sendo assim, o rito pode ser compreendido e apresentado a partir de uma perspectiva histórica, científica e social do conhecimento e da expressão da vida e da relação humana.

Ritos e rituais escolares

Mas o que são os ritos escolares?

O rito escolar é a rememoração perene do que aconteceu numa primeira vez e que volta a acontecer, graças ao ritual que abole a distância entre o passado e o presente.

No Jardim da infância, as atividades cotidianas já estavam previamente organizadas em sequências fixas. As atividades repetidas diariamente instituíram tanto para as crianças como para os adultos uma regularidade. As atitudes formais auxiliavam a construção da pertinência a um grupo social, organizado a partir de regras específicas. Faziam parte desses momentos rituais: a entrada (com canto e saudações); o repouso; o recreio; os pensamentos; os méritos; os cantos de despedida e a saída.

Mas, a escola não se limita apenas ao campo pedagógico, insere-se também numa representação teatral ritualística, fornecendo bases para a compreensão da nossa realidade pelo *modus operandi*, sinalizadas nos rituais que simbolicamente transmitem as ideologias sociais e culturais como nas festividades escolares (festa das árvores e a festa das aves) ocorridas no interior do Jardim da infância.

Os rituais, assim, são mecanismos reguladores que denunciam o modo pelo qual as pessoas estão se inter-relacionando, possivelmente manifestos, por meio da política, economia, cultura e da construção histórica do controle social em um dado local.

Os rituais na escola apresentam-se na rotinização das atividades, são vivenciados diariamente no currículo oculto¹, de modo transdisciplinar, fazendo parte da vida cotidiana, inclusive nas atividades vivenciadas nas escolas. Os rituais, assim devem ser articulados não como gestos, mas como a consciência dos seres humanos em sua prática, ação e movimento da sociedade, pois articulam, recriam, renovam ou refazem a identidade, a personalidade do grupo e da própria sociedade.

¹ Segundo Moreira e Silva (1997), o currículo oculto é um termo usado para denominar as influências que afetam a aprendizagem dos alunos e o trabalho dos professores, representando tudo o que os alunos aprendem diariamente em meio às várias práticas, atitudes, comportamentos, gestos, percepções que vigoram no meio social e escolar, embora não apareça no planejamento do professor ou nas prescrições escritas.

Os rituais e os ritos seriam entendidos, desse modo, como um processo de “dar sentido” aos fatos da nossa vida, ao cotidiano e à transmissão de conhecimentos e de cultura.

Portanto, o rito tende a criar o momento coletivo e é o veículo básico para se transformar algo que é considerado natural em algo puramente social. Isto porque, para que possa ocorrer a transformação do natural em social, é necessário uma forma qualquer de dramatização. E é pela dramatização que se pode tomar conhecimento das coisas e passar a vê-las como tendo um sentido, como sendo sociais. Assim sendo, os rituais servem, como estudam os antropólogos, e sobretudo na sociedade complexa, para promover a identidade social e construir seu caráter. (PAVAN, 1996, p. 33)

A partir desta recriação, torna-se possível compreender como os ritos e os rituais fizeram-se presentes na composição de uma escola que nascera não de um sonho, mas de um ideário de formação, tanto para professores quanto para alunos.

O dia a dia do Jardim da Infância

O dia a dia do Jardim da infância teve como aspecto principal a distribuição do tempo, que passou a ser a unidade básica para a sistematização do trabalho escolar. Seguindo uma rotina específica com cantos, marchas, exercícios e desenvolvimento de dons, utilizavam-se cópias, reproduções e manipulação de objetos, que obedeciam a uma ordenação sistemática, racionalizada e disciplinar. De modo que, a rotina baseada num rígido programa de estudos pode ser considerada como um ritual de organização escolar, pois todos os dias ocorrem as mesmas formas de estruturação das atividades.

As aulas aconteciam de segunda a sexta-feira no horário das 11h às 15h, porém, as crianças deveriam chegar um pouco antes do início das aulas para aguardarem no Jardim anexo, sob a vigilância da guardiã que as fiscalizava até a entrada nas salas de aula. Enquanto isso, as professoras preparavam suas lições. No horário estabelecido para o início das aulas, as crianças, em fila, marchavam para as respectivas salas, onde faziam suas saudações e entoavam cantos.

As filas eram consideradas a formação mais adequada para o desenvolvimento das crianças. Esta característica tem origem na forma de organização do *Kindergarten* inglês,

em que, até mesmo os brinquedos eram sequenciados em fileiras com a finalidade de apresentar os objetos em ordem crescente. Com isto, mais um ritual é estabelecido: o ritual da fila na educação infantil! Este que se formaliza não apenas pela organização crescente por ordem de tamanho (do menor para o maior), como também foram marcados pela junção e pela realização das atividades simultâneas entre marchar (para deslocamentos de espaços) e cantar, como o exemplo apresentado:

Canto para as filas

Gosto muito de uns passeios
Pela sala ou pelo Jardim,
Ledo o rosto, os olhos cheios
De uma alegria sem fim.

Em fileira vamos indo,
Como soldados leais.
Nossas glórias repartindo
Com a mestra e nossos pais.

(Caderno de Cantos, 1903. ACERVO HISTÓRICO DA ESCOLA CAETANO DE CAMPOS)

Mesmo com um rígido controle e distribuição do tempo em atividades (sendo 20 minutos para cada), as crianças interagiam e o rito instrucional se fazia presente, no qual a professora deveria tomar determinadas posturas que não estavam previstas, mas sim, que corroboraram para a construção do currículo oculto:

Sylvia era uma ótima menina, talvez pela saúde que lhe transbordava da viveza do olhar, das faces rosadas e do gesto ligeiro... Nunca conseguia estar muito tempo parada.

Um dia Sylvinha discutia barulhenta e energicamente com algumas crianças que se sentavam bem distantes do seu lugar.

- O que é isso Sylvinha, você está muito feia hoje, vá para a sua mesinha, sim?

- Não, não posso ir, protestou – eles pegaram os meus balões, quero os meus balõesinhos.

Levantei-me e fui pacientemente liquidar a questão.

- Dêem-me os balões para guardar, na hora do recreio vocês os terão novamente.

Três ou quatro meninos enfiaram as mãosinhas nos bolsos e de lá tiraram uns pedacinhos de arminho. Eram pluminhas brancas os balõezinhos que Sylvia com um sopro ligeiro fazia voar pela classe, causando aquele reboliço.

Estou ainda a ver a carinha feliz e vencedora de Sylvinha reavendo os seus balõesinhos!

Coisas só de crianças? Certamente não. Quantas vezes nós também ficamos tão tristes assistindo às nossas esperanças desaparecerem no ar como bolhas de sabão, como plumas leves, que nunca hão de voltar!

(Texto de D. Eponina de 1903, ACERVO HISTÓRICO DA ESCOLA CAETANO DE CAMPOS, Dossiê Caixa 4)

Com isso, é possível perceber que as crianças levavam uma série de materiais que não estavam previstos no dia a dia do Jardim. Os balões não eram considerados como materiais escolares, mas sim, como brinquedos do cotidiano e que despertavam atenção e curiosidade aos demais colegas. Porém, nem tudo passava por uma vigilância rígida, por exemplo, as cestinhas dos alunos, que deveriam servir apenas para guardar o *lunch*, e não passavam por uma inspeção.

Nota-se que, mesmo com o Jardim implementando uma série de regras a serem seguidas com o estabelecimento de uma rotina tão minuciosa de atividades, as relações sociais entre as próprias crianças não eram tão harmoniosas.

O Jardim da infância passava a ser entendido como uma instituição que desempenhava papel preponderante na constituição dos indivíduos e ao mesmo tempo, por eles era constituído, possuindo uma rotina diária repleta por uma “trama institucional social existente” (PAVAN, 1996, p. 30).

Nesta trama social existente, os rituais e os ritos se faziam presentes como formas de manifestação do poder simbólico da escola, de sua capacidade de criar sistemas de disposições tais, que levavam a fazer crer como naturais e evidentes situações dramáticas de experiências sociais.

Esta trama estava presente nos três períodos² e ocorria durante as atividades cotidianas no que se refere aos hábitos de higiene e alimentação, à socialização e à

² Os períodos eram entendidos como a classificação das turmas por faixas etárias. Deste modo, a educação infantil organizava-se e dividia-se a partir das seguintes nomenclaturas: 1º período: crianças de 4 anos; 2º período: crianças de 5 anos e 3º período: crianças de 6 anos.

disciplina. Há uma constante ritualização das atividades que passaram a ser vistas como naturais dentro do ambiente escolar, mas que necessitavam de adequações e adaptações por parte dos alunos como apresentado mais adiante na cena sobre o Joãozinho que fugiu para não tomar a vacina.

As canções e as práticas corporais auxiliavam na marcação dos diferentes horários e conotavam a educação dos sentidos como o reconhecimento das partes do corpo e suas respectivas funções, além do controle, da condecoração da beleza infantil e acima de tudo do aceitação das normas disciplinares e de comportamento. Presencia-se como o corpo infantil vai sendo educado, por meio de poesias e cantos como:

O meu corpo

O meu corpinho
Leve e gentil,
Olhem-no um pouco:
Tem graças mil.

Cabeça e tronco
Bem fortes são,
E aqui, no peito,
É o coração.
Dois olhos tenho
Que sabem ver
E as coisas vistas
Não esquecer.

Uma boquinha
Risonha e sã,
Lábios vermelhos,
Como a romã.

Os meus ouvidos
São dois também,
Com eles, finos,
Não há ninguém.

Tenho mãozinhas
E tenho pés;
Dedinhos – cinco,
– Mas cinco – dez.

E agora, digam:
– Não sou gentil?
Não tenho encantos
E graças mil?

(Caderno de Cantos, 1903. ACERVO HISTÓRICO DA ESCOLA CAETANO DE CAMPOS)

As atividades do dia a dia eram marcadas pela utilização de vários outros recursos organizados na vida diária: comandavam-se as atividades com sinais; faziam-se adivinhações para definir uma brincadeira, cantava-se para conhecer e reconhecer objetos ou adquirir os dons, interpretavam-se histórias, escutavam-se contos – todas estas atividades para serem adquiridas, tinham por base a repetição. Segundo Prestes (1896, p. 123):

Pela repetição, estas verdades adquiridas, mediante observação dos fatos, tornam-se uma propriedade mental da criança, e isto não se faz precipitada, porém, lentamente nos dois últimos anos do Jardim da Infância e em seguida na escola primária.

A partir da repetição das atividades, além de as crianças adquirirem mecanismos de conhecimento, elas tornavam-se aptas para o ensino primário. Deve-se levar em conta que o Jardim da Infância faz parte do complexo formado pela Escola Normal e suas anexas, incluindo a Escola Modelo, e muitas das atividades eram realizadas em conjunto como a festa das árvores e a festa das aves.

Estas festas eram momentos em que se dava a presença de inspetores do Estado da comunidade para a exibição e apresentação de seus trabalhos. As festas escolares, nas palavras de Rayot tinham como finalidade “trazer hospitalidade e o sentir bem nas escolas” (ANUÁRIO DO ENSINO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1907, p. 121).

Evidencia-se que, as atividades do Jardim da infância foram ritualizadas, pois havia momentos determinados para acontecerem, tanto no interior da sala de aula, quanto nas atividades desenvolvidas para todos os segmentos educacionais da Escola Normal e de suas anexas. Segundo Kuhlmann Junior (2011, p. 123 grifos do autor):

Os atos de chegar e de sair da escola, assim como outros, eram ritualizados e geralmente acompanhados de um significado simbólico. Poderia ser a música, os gestos do educador ou as formações corporais

das crianças: sempre havia um ritual para os iniciados. A marca de pertencimento ao grupo se fazia também pelo conhecimento e domínio destes atos. A sua contínua repetição, isto é, a constituição de uma rotina, remete de certa forma à experiência religiosa de Froebel, para quem os *piadosos exercícios de oração e de canto* de manhã e à noite não falhavam nunca. Para Froebel, em uma proposta educativa deveria predominar a *simplicidade e a rigidez da vida*.

Assim, constata-se que, além dos momentos repetidos que deveriam acontecer diariamente no Jardim, por meio das rotinas, as festas e as reuniões também vão compor um modo ritualístico de desenvolvimento.

As práticas pedagógicas

As práticas que ocorrem na escola, cercadas de uma rotina desde o momento em que todos chegam, principalmente na relação professor-aluno como os ritos de entrada, os ritos na sala de aula, os ritos do recreio e os ritos de saída, são dramatizações vivenciadas por todos, legitimadas e incorporadas diariamente, devido à repetição destas relações e práticas, mantendo e diferenciando as relações de poder entre alunos e professores.

Com o surgimento de normas e na execução destas práticas, os processos disciplinadores a que os alunos estão expostos passam a ser um mecanismo de civilização, que por meio de seus ritos e rituais legitimam valores a partir das estratégias de obediência do corpo, dos gestos e das ações pela escolarização da infância.

Um dos ritos marcantes na escolarização da infância é a troca de presentes entre alunos e seus professores. Este rito é marcado no momento de entrada dos alunos e simboliza não apenas um mecanismo de civilização, mas legitima valores de trocas e carinho na relação entre alunos e professores.

Dona Eponina (professora – jardineira), em um de seus registros, evidencia o carinho entre ela e uma de suas alunas:

Um dia, entra pela classe a dentro, toda apressada e vermelhinha a minha saudosa Luizinha. Vinha atrasada e trazia oculta em sua cestinha, qualquer coisa de grande para ela e que para mim o é ainda até hoje,

numa grata recordação. Fechará dentro de sua lancheira, uma muda inteira de maragarida, coberta de flores.

- Veja como estão bonitas! Eu as trouxe para você e um doce sorriso iluminou de alegria o rostinho daquela almazinha pura, também em flor!

Quando tomei a planta em minha mão vi que além das flores havia a raiz e havia terra! Percebi que em casa de Luizinha as crianças não deveriam tocar nas flores e ela o fez certamente de passagem pelo Jardim, pensando em mim. Entre a obediência e o sentimento ela decidiu-se sosinha.

Sua vida teve a duração de uma flor, talvez de uma das margaridas que ela me deu...

- Voou tão cedo para o céu!

(Texto de D. Eponina de 1903, ACERVO HISTÓRICO DA ESCOLA CAETANO DE CAMPOS, Dossiê Caixa 4)

Estes processos são baseados na homogeneização e controle, e a escola, por sua vez, configurou-se como um espaço específico em que se ensinam formas concretas de transmissão de conhecimentos e de modelação de comportamentos pela imposição da disciplina, do método e dos recursos tecnológicos que configuram este ambiente e seus atores envolvidos numa trama social de conformação.

É preciso destacar que estas relações também eram e são marcadas por sentimentos tanto da parte de alunos como de professores. A partir do depoimento de D. Eponina relatando sobre o falecimento da menina, pode-se ver que as relações mesmo sendo baseadas em processos de homogeneização e de controle, também subsidiam as relações interpessoais no espaço escolar.

A construção desta trama social e da interiorização de certas práticas conformadoras, como os comportamentos exemplares, tem uma nova forma de instituir a infância e o controle sobre o corpo infantil, ajustando a sua atividade às regras da escolaridade e da máxima utilidade.

Com isso, a rotina do Jardim da Infância foi criada como um mecanismo de programação das atividades diárias e acima de tudo, de minuciosa organização do tempo em prol do trabalho e do desenvolvimento cognitivo, moral e higiênico.

Para o desenvolvimento destas três categorias, a vacinação passou a compor a rotina da escola, nas quais se presenciavam vários ritos e rituais que se consolidaram na institucionalização escolar da infância:

João Pedro – Joãosinho como o chamavamos fazia honra ao nome. É voz do povo que todo Joãosinho e todo Pedrinho são verdadeiros diabinhos. Posso afirmar que esse aluninho não desmentiu o ditado e nem o podia fazer tendo os dois nomes associados. Convivi sempre com ele e hoje ao admirar-lhe o caráter reto, o ótimo chefe de família que deu, ainda percebo na sua prosa algo irônica, inteligente e observadora, qualquer coisa daquela travessura que passou.

O médico do serviço sanitário havia chegado; vinha revistar a nossa criançada. Era um dia de reboição, um Deus nos acuda!

Com grande custo conseguimos levar uma meia dúzia de corajosos, que depois de vacinados, vinham triunfantes com as manguinhas arregaçadas, os bracinhos de fora, ostentando o cortesinho ligeiramente roseo. A vitória era nossa, pois com a chegada dos “primeiros feridos”, em geral sorridentes, a segunda turma e a terceira seguiam sem maiores protestos.

Pois o nosso Joãosinho apesar de tão bravateiro, não fez parte de nenhuma delas e só se deixou levar quando não houve mais apelo. Perto do médico afirmou categoricamente que já tinha sido vacinado.

- Onde está o sinal? – Pergunta-lhe o médico.

- Aqui! Mostra um braço e depois o outro, as pernas, mas qual! – não havia marca alguma. Muito vermelhinho e já não sabendo onde procurar o tal sinalzinho desejando arriscar um último alvitre, disse:

- Estava aqui, doutor, aqui, mas escapoliu.

O médico riu-se bastante e vacinando o travesso, disse-lhe:

- Vou fazer um sinal que nunca mais há de fugir daqui, você verá!

(Texto de D. Eponina de 1903, ACERVO HISTÓRICO DA ESCOLA CAETANO DE CAMPOS, Dossiê Caixa 4)

A respeito desse relato, nota-se que na escola sempre há alunos com comportamentos mais agitados, o que propicia a criação uma nova modalidade de rito: o rito do nome estigmatizado, associando o nome às características comportamentais dos alunos.

Outro rito que foi construído ao longo da escolarização da infância é o rito da vitória, que está presente não apenas na aquisição de novas aprendizagens, mas na conquista de realizar atos “heróicos”, como por exemplo, a coragem de tomar uma vacina. Em contrapartida, é possível perceber que a escola também cria o rito do medo,

como no caso em que a professora vai criando mecanismos de superação ou, como na maioria das vezes, de subordinação a uma ordem.

Há também o rito de comparação, em que prevalece o aluno de melhor comportamento, e o rito de previsão, em que as professoras passam a definir como será o futuro dos alunos a partir de seu comportamento.

Além do rito de previsão e do rito de comportamento, evidencia-se que um novo rito passa a vigorar: o rito de diálogo, estabelecendo um elo de amizade entre professores e alunos. Por exemplo, este depoimento da professora Eponina:

Este é o Mariozinho, menino meigo, bom para todos, atencioso, inteligência diferente da de João Pedro, pois era moderado e calmo. Dono de uns olhinhos ternos e de uma simpatia profunda.

Certo dia, proseando comigo, disse-me ele:

- Sabe Punina, eu sou feliz! Tão feliz!

- E que bom! Por que? – perguntei-lhe passando o braço num gesto de carinho ao redor da linda cabecinha encaracolada.

- Quando vai chegando o dia de meus anos, começam a passar lá pela rua de casa, uma porção de homens gritando: “olha o peru, olha o peru, olha o peru...” Seus olhinhos brilhavam antevendo o festão do dia de seu aniversário, que estava próximo.

Nunca mais soube do Mário! Permita Deus que tenha sido muito venturoso, que tenha tido até hoje a fácil felicidade de então.

(Texto de D. Eponina de 1903, ACERVO HISTÓRICO DA ESCOLA CAETANO DE CAMPOS, Dossiê Caixa 4)

Uma das práticas pedagógicas inculcadas, a partir desta perspectiva foi a disciplina do silêncio e do trabalho pontual para o exercício do aluno na sala de aula, além da hierarquização da função docente na relação entre professores, alunos e diretor. Verifica-se esse dado em um dos relatos da professora do Jardim da Infância, em que se abordam estes três itens:

Passo esta ligeira nota para mostrar, de leve, quem era a nossa meiga diretora Joanelinha – alma de jardineira ideal.

Havia no Jardim uma meninazinha muito interessante, como o eram quase todas, todas mesmo. Por questão que certamente não era ela quem poderia solucionar, chegava quase sempre bem atrasada.

A professora, com toda a razão chamava-lhe a atenção.

Um dia ela vem, não atrasada, mas atrasadíssima, e em vez de ir para a classe foi direitinha, na pontinha dos pés para o gabinete da Diretora.

D. Joaquina ao vê-la quis fazer um semblante severo, mas foi desarmada ao olhar de perto aquela carinha confiante e só a custo disse-lhe:

- O que é isso! Você chegando a estas horas! Sua professora vai ficar zangada.

A menina levantando seu dedinho a altura do nariz, replicou franzindo ligeiramente a testa:

- Psiu!... Zaninha, fala baixinho, fica quietinha, a professora escuta.

Não sei qual foi a solução que D. Joaquina deu a tão encantador incidente. Estou porém convencida de que não foi coisa fácil.

(Texto de D. Eponina de 1903, ACERVO HISTÓRICO DA ESCOLA CAETANO DE CAMPOS, Dossiê Caixa 4)

Outro aspecto que passou a configurar-se na escola são as festas, que também serviam para divulgar as atividades do Jardim e seus novos métodos. Segundo Cândido (2012, p. 3):

As festas escolares expressaram aspectos da cultura escolar representativa do período em questão, pois ao mesmo tempo em que a festa era regida por normas, pelo ensinamento de condutas e conhecimentos, era também composta de práticas coordenadas com finalidades educativas. As festas foram compostas de normas e práticas, as normas estabelecidas externamente pelos governantes que determinaram legalmente os dias a serem comemorados e um padrão de festa a ser seguido através de regulamentos e circulares enviados às escolas e internamente pelas instituições de ensino que reelaboraram essas normas e as transformaram em práticas significativas da escola.

Além da festa das árvores e da festa das aves, que aconteciam anualmente no mês de setembro, as comemorações da Escola Normal e de suas anexas sempre ocorriam no salão nobre do Jardim da Infância (REVISTA DE ENSINO, 1908). Havia também as festas de 7 de setembro, a festa da bandeira, as reuniões do dia das crianças (realizadas em outubro), os eventos de apresentações literárias e musicais. Numa dessas ocasiões, contou-se com a presença de personalidades de outros estados como Dr. Alfredo de Brito, diretor da Faculdade de Medicina da Bahia e presidente do Congresso Médico.

Outro dado relevante, que chama a atenção é que a organização das festividades no Jardim contava com o apoio do Grêmio Normalista “Dois de agosto”. A partir de 1907, esses eventos passaram a ser divulgados na Revista de Ensino como na notícia que segue:

A festa 12 de outubro também realizadas pelo grupo normalista Dois de agosto a festa do descobrimento da América. As cerimônias sempre iniciavam-se as 14:00 horas da tarde contando com a abertura de convidados externos a escola, como Oscar Thompson para este evento. (REVISTA DE ENSINO, 1907, p. 122)

Outra festa que passa a constituir os eventos do Jardim e de toda a escola Normal e de suas anexas é a festa de encerramento do ano, que além de configurar o fim do ano letivo, também atribui méritos aos alunos destacados dos últimos anos de escolarização, além do cerimonial de formatura para as turmas concluintes de cada módulo gradual de ensino.

Surgiu, então, a feliz ideia das festas escolares no fim de cada ano letivo, pelas quais se pudesse tornar bem frisante o desenvolvimento admirável e real das crianças educadas nas primeiras escolas-modelo e grupos escolares criados. Era uma verdadeira propaganda, cheia de oportunidade, em prol do ensino público, em período de reorganização; propaganda em que se impunha em favor do advento da instrução entre nós, sobre a qual se refletia a pouca ou nenhuma confiança que as antigas escolas régias inspiravam. (REVISTA DE ENSINO, 1908, p. 35)

A partir de tantos eventos presentes no Jardim da infância e que nortearam as práticas pedagógicas neste estabelecimento de ensino, criou-se o *slogan* “o Jardim é festa o ano inteiro”, pois os eventos tornaram-se rituais que celebravam a magnitude das novas propostas pedagógicas veiculadas na Escola Normal e em suas anexas.

Considerações finais

Foi possível identificar no material analisado vários ritos e rituais que compuseram e deram vida ao Jardim da infância: o rito do tempo (que marcou um rígido período de trabalho para o desenvolvimento de todas as atividades), o rito da Fila (que mantém a ordem, o canto e a marcha para o deslocamento até vários ambientes, são exemplos descritos no decorrer deste trabalho. Por sua vez, os rituais marcantes foram as festas. Estas eram suntuosas e tinham como meta convidar não apenas a família escolar, mas toda a sociedade a participar dos eventos, apoiadas pelo grêmio Normalista.

Desta forma, os rituais, as práticas e as rotinas institucionais foram adquirindo marca e existência material, conotando símbolos e linguagens, por meio do currículo, das cantigas, dos materiais e dos jogos.

Com este trabalho, percebeu-se que a educação infantil nos dias atuais ainda – conserva; apresenta – tem muitas semelhanças com a rotina do Jardim da Infância na época de sua criação (ou seja, mesmo transcorrido mais de um século), alguns ritos e rituais permanecem na escola.

Referências

- ANUARIO DO ENSINO DE ESTADO DE SÃO PAULO** (1907-1911). São Paulo: Augusto Siqueira & C., 1907 – 1911.
- APPLE, Michael Whitman. **Os professores e o currículo: abordagens sociológicas**. Lisboa-Pt: Educa, 1997.
- BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. **Enciclopédia Einaudi: Antropos – homem**. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1990.
- CÂNDIDO, Renata Marcílio. **Culturas da escola: as festas escolares em São Paulo (1890-1930)**, 2012. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT02-3441-Int.pdf>>. Acesso em: 24 de junho de 2013.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A escola e a República**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- KUHLMANN JUNIOR, Moysés. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. 6ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.
- MOREIRA, Antônio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 1997.

- PAVAN, Diva Otero. **Cerimonial de formatura**: representação simbólica do sucesso escolar. 1996. Tese (Mestrado em Educação: Administração e supervisão escolar) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.
- PRESTES, Gabriel. Revista do Jardim da Infância. In: **Revista do jardim da infância**. São Paulo: Typografia A Vapor Espindola, Siqueira & Comp., Volume I, 1896.
- PRESTES, Gabriel. Revista do Jardim da Infância. In: **Revista do jardim da infância**. São Paulo: Typografia A Vapor Espindola, Siqueira & Comp., Volume II, 1897.
- RELATÓRIO DO DIRECTOR DA ESCOLA NORMAL**. São Paulo: Typografia a vapor de Vanordes & Company, 1894.
- REVISTA A ESCHOLA PUBLICA**. Ano I, Número I. São Paulo: Typografia da Industrial de São Paulo, 1895.
- REVISTA DE ENSINO DA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE DO PROFESSORADO PÚBLICO PAULISTA**, São Paulo: Typographia do “Diário Official”, 1902 – 1913.). Local: editor, 1902-1913.
- SILVA, Benedicto. **Dicionário de ciências sociais**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1987.
- TERRIN, Aldo Natale. **O rito**: antropologia e fenomenologia da ritualidade. São Paulo: Paulus, 2004.
- TURNER, Victor Witter. **O processo ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.
- VILHENA, Maria Ângela. **Ritos**: expressões e significados. São Paulo: Paulinas, 2005.
- VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Algustín. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Tradução Alfredo Veiga Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

Recebido em: 10/07/2017

Aprovado em: 29/08/2017

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

Revista Linhas

Volume 18 - Número 38 - Ano 2017

revistalinhas@gmail.com